

## TZVETAN TODOROV, ANTOINE COMPAGNON E O ELOGIO DA LITERATURA\*

Alex Sander Luiz Campos\*\*

### Considerações iniciais

Ao abrir, em 1985, sua série de conferências como Charles Eliot Lecturer na Universidade de Harvard, Italo Calvino mirava o futuro. Sem saber que não teria tempo suficiente para concluir suas “lições americanas” – o livro resultante do ciclo de conferências, *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*, seria publicado como obra póstuma e inacabada –, pensava nos quinze anos que o separavam do terceiro milênio: “por ora não me parece que a aproximação dessa data suscite alguma emoção particular. Em todo caso, não estou aqui para falar de futurologia, mas de literatura” (CALVINO [1985], 1990, p. 11). Fazendo um retrospecto do milênio que findava, Italo Calvino vê nele o surgimento e a expansão das línguas e das literaturas do Ocidente, bem como o aparecimento do “objeto-livro”, tal qual hoje o conhecemos. Vê também, no entanto, na chamada “era tecnológica pós-industrial”, uma frequente indagação acerca do destino do livro e da literatura: um sinal do fim do milênio? É nesse contexto, em particular, que Calvino assegura sua confiança no futuro da literatura em razão das coisas que só ela, com os meios que lhe são próprios, nos pode dar (CALVINO, 1990, p. 11). Findo o milênio de Calvino e, com ele, a primeira década (2001-2010) do “novo milênio”, parece válido questionar: continua em situação de perigo a literatura? Em caso positivo, que perigo é esse? Continuamos a pensar nas contribuições específicas da literatura para a formação humana? Em outras palavras: o que ela pode, afinal, nos dar?

No plano da ficção, inicia-se em 8 de julho de 1999 a redação do “caderno de notas de rodapé comentando um texto invisível” que é o *Bartleby e companhia* do escritor espanhol Enrique Vila-Matas ([2000], 2010, p. 9). Marcelo, o autor ficcional do “caderno”, procura rastrear nas notas “o amplo espectro da síndrome de Bartleby na literatura”:

---

\* Artigo apresentado originalmente à disciplina “Seminário de Teoria da Literatura: saberes ficcionais e ensaísticos na contemporaneidade”, ministrada pelo Prof. Dr. Roberto Alexandre do Carmo Said no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UFMG. O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil.

\*\* Doutorando em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG. Possui mestrado em Estudos Literários pela Faculdade de Letras da UFMG (2013) e graduação em Letras/Português pelo Centro de Ciências Humanas da Unimontes (2010). E-mail: alexslc@ufmg.br.

já faz tempo que estudo a doença, o mal endêmico das letras contemporâneas, a pulsão negativa ou a atração pelo nada que faz com que certos criadores, mesmo tendo consciência literária muito exigente (ou talvez precisamente por isso), nunca cheguem a escrever; ou então escrevam um ou dois livros e depois renunciem à escrita; ou, ainda, após retomarem sem problemas uma obra em andamento, fiquem, um dia, literalmente paralisados para sempre (VILA-MATAS, 2010, p. 10).

Embora se atente, sobretudo, ao que trata como “literatura do Não”, Marcelo não ignora a “literatura do Sim”, ou as razões que legitimam a escrita literária; certos escritores contemporâneos respondem, diferentemente do *Bartleby* de Herman Melville, “acho melhor sim” (cf. MELVILLE [1853], 2005, p. 9). Se um romance como *O estádio de Wimbledon* (*Lo stadio di Wimbledon*, 1983), de Daniele Del Giudice, “ilustra a impossibilidade da escrita, [...] também nos indica que podem existir olhares novos sobre novos objetos e que, portanto, *é melhor escrever do que não o fazer*” (VILA-MATAS, 2010, p. 33, grifo nosso). Se não fosse por *A trégua* (*La tregua*, 1963), de Primo Levi, nada saberíamos sobre as pessoas que estavam com o escritor italiano no campo de concentração de Auschwitz, pessoas que desejavam sobreviver “não só por instinto de conservação, mas porque desejavam contar o que haviam visto. Queriam que a experiência servisse para que tudo isso não tornasse a acontecer, mas havia mais: procuravam narrar esses dias trágicos para que não se dissolvessem no esquecimento.” (VILA-MATAS, 2010, p. 34). Citando o escritor argentino Rodolfo Fogwill – “Escrevo para não ser escrito. Vivi escrito por muitos anos, representava uma narrativa. Suponho que escrevo para escrever sobre outros, para agir sobre a imaginação, a revelação, o conhecimento dos outros” (apud VILA-MATAS, 2010, p. 106) –, o autor ficcional de *Bartleby e companhia* reconhece em si a mesma postura: “eu também me dedico a comentar os comportamentos literários de outros para assim poder escrever e não ser escrito” (VILA-MATAS, 2010, p. 106).

Contudo, como legitimar a “literatura do Sim” no plano da recepção? Na educação básica, muitas vezes, a literatura faz-se presente nas aulas apenas como “exemplificação” de aspectos gramaticais, e isso quando os textos didáticos não a “corroem” ou “devoram” (COMPAGNON [2006], 2012, p. 25). Com justeza, assinala Tzvetan Todorov: “na escola, não aprendemos acerca do que falam as obras, mas sim do que falam os críticos”, pois, em vez de conduzir à reflexão da condição humana, do indivíduo e da sociedade, a leitura de poemas e romances está a serviço de noções críticas tradicionais ou modernas (TODOROV [2007], 2010, p. 27).<sup>1</sup> Mesmo nos cursos universitários a literatura é, habitualmente, vista de forma redutora, como um mundo à parte, autossuficiente, “fala[ndo] apenas de si” (TODOROV, 2010, p. 41). É possível ainda acreditar, considerando a situação do ensino na educação básica e na graduação, que a literatura deva fazer

---

<sup>1</sup> O autor fala com propriedade: no período de 1994 a 2004, foi membro do Conselho Nacional de Programas, comissão consultiva ligada ao Ministério da Educação da França.

parte da formação do homem, trazendo-lhe contribuições que ultrapassem o conhecimento de metodologias e cortes analíticos?

O terceiro milênio já havia começado quando dois dos mais importantes nomes dos estudos literários no cenário europeu decidiram expor suas reflexões acerca do papel da literatura. Curiosamente, nenhum dos dois é francês nato, mas foi no país de Gustave Flaubert que desenvolveram com fôlego suas investigações no campo da teoria literária. Tzvetan Todorov, nascido em 1939 em uma Bulgária sob o domínio soviético, cursará a graduação em Letras ainda no país natal, na Universidade de Sófia, onde os estudos de ciências humanas encontravam-se dominados pela ideologia oficial comunista. Surge a oportunidade de estudar no exterior e Todorov entrará em contato, no ambiente universitário francês – para onde escolhe ir –, com nomes como os de Gérard Genette e Roland Barthes, que viria a ser seu orientador de doutorado. Pouco depois de apresentar o trabalho final, entra para o Centre National de la Recherche Scientifique – CNRS (cf. TODOROV, 2010, p. 16-20). Em 2007, publica *A literatura em perigo*, livro marcado por referências pessoais e intelectuais, chegando mesmo a evocar a infância na Bulgária, a influência dos pais – “havia sempre muitos livros em minha casa” – e a veneração da leitura desde tenra idade: “entrar no universo dos escritores, clássicos ou contemporâneos, búlgaros ou estrangeiros, cujos textos passei a ler em versão integral, causava-me sempre um frêmito de prazer” (TODOROV, 2010, p. 15). A lembrança da alegria diante do texto literário, que sempre fez parte de sua vida, não o impediu, no entanto, de constatar que “o papel eminente” atribuído por ele à literatura “não era reconhecido por todos” (TODOROV, 2010, p. 25).

A formação em Letras já não foi a primeira opção do professor de origem belga Antoine Compagnon, nascido em 1950; entretanto, enquanto se preparava para ser engenheiro, pôde frequentar cursos como os de Michel Foucault, Roland Barthes, Claude Lévi-Strauss e ouvir pela primeira vez Julia Kristeva, sua futura orientadora de tese. Desde 2006, é catedrático de “Literatura francesa moderna e contemporânea: história, crítica, teoria” no Collège de France (COMPAGNON, 2012, p. 9-12). Para assistir à leitura de “Literatura para quê?” – sua aula inaugural naquela instituição, no dia 30 de novembro de 2006 –, houve quem sentasse até mesmo no chão de uma sala ao lado do anfiteatro do Collège, onde a conferência era transmitida por telão (BRANDINI. In: COMPAGNON, 2012, p. 7). Não era para menos, afinal, como bem observou a tradutora da aula para o português, Laura Brandini, “em tempos em que se lê cada vez menos, senhores e senhoras distintos, professores e estudantes esperavam ansiosos pela resposta à questão-título, capaz de justificar o tempo gasto com um livro, uma escolha profissional ou até mesmo uma paixão” (BRANDINI. In: COMPAGNON, 2012, p. 7). Abrindo a conferência, Antoine Compagnon evoca o passado, lançando mão de referências pessoais e intelectuais: “tomando a palavra neste lugar, uma agitação se apodera de mim, pois vejo-me novamente na primeira vez que atravessei as portas desta

casa – para, aqui, deparar-me com gigantes” (COMPAGNON, 2012, p. 9). Passa a refletir, assim, sobre uma pergunta “crítica e séria” que se coloca ao lado da questão “que é a literatura?": “o que a literatura pode fazer?” Qual é a sua pertinência para a vida? Qual é a sua força, não apenas de prazer e evasão, mas também de força e conhecimento? (COMPAGNON, 2012, p. 28-29).

Mais do que o fato de terem se integrado à vida social e intelectual francesa, Todorov e Compagnon compartilham um conhecimento invulgar das transformações pelas quais passaram os estudos literários na Europa do século XX, uma vez que puderam acompanhar de perto à discussão intelectual que ali se formava e dela fazer parte. Todorov, por exemplo, teve um papel de destaque no movimento estruturalista, facilitando ao mundo ocidental, por meio de traduções para o francês, o conhecimento do formalismo russo (TODOROV, 2010, p. 20). Compagnon, em sua cátedra no Collège de France, procura fazer a conjunção de duas tradições que dominaram, desde o século XIX, a área dos estudos literários na França – as tradições teórica e histórica –, justificando sua “ousadia” por meio das “vias insólitas” que o teriam levado a estudar literatura, além da recusa às “exclusões mútuas que pareciam fatais à maior parte de [s]eus contemporâneos” (COMPAGNON, 2012, p. 21). Depois de décadas de contribuições inestimáveis aos estudos literários, Todorov e Compagnon presenciam ao apequenamento acadêmico e social de que a literatura vem sendo vítima: seu espaço tornou-se mais escasso em nossa sociedade há uma geração, nota Compagnon, mencionando ainda a aceleração digital que fragmenta o tempo disponível para os livros (COMPAGNON, 2012, p. 25). A questão, porém, não se esgota na “aceleração digital” e os dois estudiosos sabem disso, na medida em que procuram na história da própria área em que atuam uma tentativa de “explicar” o quadro atual: em que medida têm os estudos literários, nas suas várias tendências críticas e teóricas, parcela de responsabilidade sobre essa situação? Essas e outras questões já apresentadas serão discutidas a seguir, apontando, sobretudo, o que sobre elas escreveram Tzvetan Todorov e Antoine Compagnon. No desenvolvimento dos tópicos, serão feitas referências também ao pensamento de Italo Calvino e Antonio Candido e às reflexões de Enrique Vila-Matas em *Bartleby e companhia*.

### **A literatura além dos grilhões**

Em sentido figurado, o termo “grilhões” remete a “elo[s] invisíve[is] que aprisiona[m]” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 990). No que diz respeito à literatura, vários podem ser esses elos, mas é bem provável que não os tenha conhecido Todorov antes de ingressar no curso de Letras. É, no mínimo, comovente seu depoimento: “[com a literatura] eu podia satisfazer minha curiosidade,

viver aventuras, experimentar temores e alegrias, sem me submeter às frustrações que espreitavam minhas relações com os garotos e garotas da minha idade e do meu meio social” (TODOROV, 2010, p. 16). Mais à frente, já na maturidade, não pedirá à literatura que o preserve das feridas que os encontros com pessoas reais poderiam causar-lhe, mas, questionado sobre a razão de seu amor à literatura, dirá com espontaneidade: “ela me ajuda a viver. [...] em lugar de excluir as experiências vividas, ela me faz descobrir mundos que se colocam em continuidade com essas experiências e me permite melhor compreendê-las” (TODOROV, 2010, p. 23). Em um e outro momento de sua vida, verá a literatura da forma mais ampla possível. Em seu trabalho como pesquisador, passa a considerar não somente poemas, romances, novelas e obras dramáticas, mas também “o vasto domínio da escrita narrativa destinada ao uso público ou pessoal, além do ensaio e da reflexão” (TODOROV, 2010, p. 23). Desde que iniciou seu curso de Letras na Bulgária da década de 1950, porém, Todorov já não pôde ignorar alguns dos “grilhões” que atuavam e ainda atuam sobre o estudo de literatura.

Conforme já foi dito, a Bulgária era, então, parte do bloco comunista. Em decorrência disso, o estudo de literatura não podia ser feito de forma ampla ou “democrática”. Se o que estava em jogo era o “cerne ideológico” de determinada obra, o estudioso deveria mostrar de que forma ela ilustrava a “boa ideologia”, ou seja, de que forma se conformava ao dogma marxista-leninista (TODOROV, 2010, p. 16-17). Todorov, que não partilhava da “fé comunista” e tampouco de um “espírito de revolta”, depara-se com uma dificuldade ao escolher o tema para o trabalho de conclusão de curso: como abordar a literatura sem ter de se sujeitar às exigências do regime? A solução encontrada foi “abordar a própria materialidade do texto, suas formas linguísticas”, um trabalho que os formalistas russos já vinham fazendo. Ao optar pelo estudo dos elementos dos textos que escapavam à ideologia, não estava defendendo a limitação do estudo de literatura à matéria verbal; simplesmente, utilizava-se do único recurso que encontrou para não “violiar os tabus ideológicos” de seu país (TODOROV, 2010, p. 17). Essa situação mudará completamente quando passa a desenvolver a carreira na França:

Sem cair numa admiração beata, alegrava-me constatar que a França era uma democracia pluralista, respeitadora das liberdades individuais. Essa constatação influenciava, por sua vez, minhas escolhas de abordagem da literatura: o pensamento e os valores contidos em cada obra não se viam mais aprisionados numa coleira ideológica preestabelecida; não havia mais razão para pô-los de lado e ignorá-los. As causas de meu interesse *exclusivo* pela matéria verbal dos textos haviam desaparecido (TODOROV, 2010, p. 21, grifo do autor).

Nesse depoimento, Todorov mostra como o estudo da literatura pode ir além dos grilhões que são a “coleira ideológica”, de modo que cessa seu interesse por um aspecto isolado do texto. A

literatura, poderá afirmar a partir de então, “não nasce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos, compartilhando com eles numerosas características” (TODOROV, 2010, p. 22). Antoine Compagnon, nessa direção, defende a literatura como “projeto de conhecimento do homem e do mundo” (COMPAGNON, 2012, p. 31), o que implica a rejeição de um estudo dela que opte pela materialidade *desligada* dos “discursos vivos” de que fala Todorov. A bem da verdade, a liberdade de estudo na França não significa que Todorov não tenha encontrado também lá alguns “grilhões”. Quando chega a Paris e começa a procura por professores que se dedicavam às questões que lhe interessavam, percebe que “os cursos de literatura eram ali divididos por nações e por séculos”. Essa angústia lhe possibilitaria o contato intelectual com Gérard Genette, com quem procurava, no trabalho de pesquisa, libertar a literatura “dos grilhões das nações e dos séculos, e promover sua abertura a tudo que pode aproximar as obras umas das outras” (TODOROV, 2010, p. 21). Nesse intuito, não estiveram sozinhos. Italo Calvino, refletindo acerca de sua carreira na área de Letras durante as conferências de Harvard, também defende um conceito de literatura mais amplo possível: “Minhas reflexões sempre me levaram a considerar a literatura [...] sem distinções de língua e caráter nacional, e a considerar o passado em função do futuro” (CALVINO, 1990, p. 9).

Mesmo com tantos esforços no sentido de mostrar como a literatura está além dos grilhões que frequentemente a aprisionam – separação por nações e séculos, conceito redutor, etc. –, o nome de Todorov ficaria ligado indelevelmente ao formalismo russo, movimento que ajuda a expandir quando publica, em 1965, sua *Teoria da literatura* (cf. MEIRA. In: TODOROV, 2010, p. 7). Por ter, de alguma forma, contribuído, no início de sua carreira, para uma concepção de “literatura pela literatura”, que deveria ser investigada por uma “ciência” independente dos estudos históricos, sociais e psicológicos, *A literatura em perigo* toma ares de mea-culpa. “Por ter participado desse movimento [o estruturalismo dos anos 1960 e 1970], eu deveria sentir-me responsável pelo estado atual da disciplina?”, pergunta Todorov (2010, p. 35). Em vez de “demarcado” o lugar do literário e lhe assegurado o “futuro”, os estudos de literatura apoiados em concepções estruturalistas teriam acabado por colocar a literatura em risco, sob o peso de mais “grilhões”?

### **Do estruturalismo ou A literatura além dos andaimes**

A questão formulada no tópico anterior não é nova; já foi trabalhada exemplarmente por Antonio Candido, nome caro aos estudos literários brasileiros. Lembrando o tempo em que o crítico de literatura deu lugar ao sociólogo, ao político, ao médico e ao psicanalista, reconhece que, na

época presente, o “perigo” – a palavra é sua, e é a mesma (*péril*) utilizada por Todorov – “vem do lado oposto; das pretensões excessivas do formalismo, que importam, nos casos extremos, em reduzir a obra a problemas de linguagem, seja no sentido amplo da comunicação simbólica, seja no estreito sentido da língua”. É interessante notar como, na *Formação da literatura brasileira*, obra de 1959, o crítico brasileiro já percebe que “o imperialismo formalista significaria, em perspectiva ampla, perigo de regresso, acorrentando-a [a crítica] a preocupações superadas, que a tornariam especialidade restrita, desligada dos interesses fundamentais do homem” (CANDIDO [1959], 2006, p. 34).

Talvez seja possível entender, nesse sentido, a preocupação de Antoine Compagnon ao delimitar seu entendimento de “teoria” e “história”, procurando por um equilíbrio: acreditando ser artificial a inimizada da poética e das humanidades, vê teoria e história como “maneiras”; longe de se submeter à teoria como doutrina ou sistema, pensa nela como “atenção às noções elementares da disciplina, elucidação dos preconceitos de toda pesquisa ou, ainda, perplexidade metodológica” e na história como “preocupação com o contexto, atenção para com o outro”, não simplesmente uma cronologia ou quadro literário (COMPAGNON, 2012, p. 21). É no caminho do equilíbrio que também pensa Todorov: “a meu ver, tanto hoje quanto naquela época, a abordagem interna (estudo das relações dos elementos da obra entre si) devia completar a abordagem externa (estudo do contexto histórico, ideológico, estético)” (TODOROV, 2010, p. 36). Na procura por um “melhor equilíbrio interno e externo”, defendendo um estudo de literatura que não se pautasse pela simples intuição, mas pela explicitação das noções utilizadas, Todorov assistirá ao prevalecimento da abordagem interna, de forma que, hoje – Todorov escreve em 2007 –, ver a obra literária como “objeto de linguagem fechado, autossuficiente, absoluto” é postulado “sagrado” na universidade francesa. Nas escolas, o resultado é conhecido: os alunos questionam o estudo da literatura, visto que ela não aparenta ser mais do que a “ilustração dos meios necessários à sua análise” (TODOROV, 2010, p. 38-39).

Embora encontremos no ambiente acadêmico representantes das mais variadas e, por vezes, contraditórias tendências críticas, Todorov nota que a posição dominante é ocupada pelos que se recusam “a ver na literatura um discurso sobre o mundo” e que, mesmo a recente corrente da “desconstrução”, embora afaste a questão da “verdade dos textos”, vale-se do “dogma” de que “a obra é fatalmente incoerente e [...], por isso, não consegue afirmar nada, subvertendo assim seus próprios valores” (TODOROV, 2010, p. 39-40). Também outras escolas de pensamento, como o niilismo e o solipsismo, “mais completam a escolha formalista do que a refutam”, na medida em que negam e depreciam o mundo exterior (TODOROV, 2010, p. 44). Depreende-se, daí, que não se deve acusar o estruturalismo ou outra escola em particular pelo apequenamento acadêmico-social da literatura. Onde estaria, então, o problema? É ainda Todorov que nos ajuda a percebê-lo, quando

afirma: “todos os ‘métodos’ são bons, desde que continuem a ser meios, em vez de se tornarem fins em si mesmos”. Quando um estudioso como Joseph Frank estuda Dostoievski lançando mão de aspectos biográficos, filosóficos, relativos à história social russa, sem ignorar as investigações formalistas em análise textual, estaria mostrando, de acordo com Todorov, como as “perspectivas ou abordagens de um texto, longe de serem rivais, são complementares” (TODOROV, 2010, p. 91). O perigo está, justamente, quando os “meios” de estudo da literatura transformam-se no fim último do estudo. Não é o caso, portanto, de ignorar a contribuição estruturalista, mas perceber que suas inovações são bem-vindas “com a condição de manter sua função de instrumentos, em lugar de se tornarem seu objetivo próprio” (TODOROV, 2010, p. 32). Nesse sentido, é oportuna a imagem utilizada por Todorov: andaimes são necessários para que se erga um prédio; construído o prédio, entretanto, os andaimes devem desaparecer (TODOROV, 2010, p. 31-32). Para Todorov e Compagnon, todos os “andaimes” podem e devem ser utilizados para o estudo de literatura, desde que estejam *a serviço* dela. Contra a redução do “poder” da literatura na sociedade contemporânea, situada tão aquém dos andaimes, é que dedicam a maior parte de seus escritos em *A literatura em perigo e Literatura para quê?*.

### **O elogio da literatura ou Contra a concepção reduzida do literário**

Quando os “grilhões” e os “andaimes” se sobrepõem à literatura, ela é tratada como mais um objeto. Quando a literatura se sobrepõe a eles, é possível vê-la não mais como objeto, mas como um saber. Na condição de saber, um “exercício de pensamento”, é que a literatura recebe o elogio de Todorov e Compagnon; para este último, não existe sequer possibilidade de substituir esse saber por outro qualquer: “O próprio da literatura é a análise das relações sempre particulares que reúnem as crenças, as emoções, a imaginação e a ação, o que faz com que ela encerre um saber insubstituível, circunstanciado e não resumível sobre a natureza humana, um saber de singularidades” (COMPAGNON, 2012, p. 66). Italo Calvino, em 1985, já havia falado acerca da existência de coisas que só a literatura nos oferece. Aprofundando a questão, as reflexões de Compagnon nos levam a pensar a literatura como um saber que, a todo o momento, questiona a imagem que temos do mundo e das pessoas. Dessa forma, ela age na sensibilidade humana: “a literatura [...] oferece um meio [...] de preservar e transmitir a experiência dos outros, aqueles que estão distantes de nós por suas condições de vida. Ela nos torna sensíveis ao fato de que os outros são muito diversos e que seus valores se distanciam dos nossos” (COMPAGNON, 2012, p. 60). Mesmo Marcelo, o autor ficcional das notas de *Bartleby e companhia*, “por mais que [lhe] apaixone negá-la [a literatura]”,

reconhecerá que ela “permite resgatar do esquecimento tudo [...] sobre o que o olhar contemporâneo, cada dia mais imoral, pretende deslizar com a mais absoluta indiferença” (VILA-MATAS, 2010, p. 34).

Além de nos permitir a melhor compreensão dos outros, a literatura nos permite entender e organizar melhor nossas próprias emoções. Segundo Compagnon, ela “nos ensina a melhor sentir, e como nossos sentidos não têm limites, ela jamais conclui, mas fica aberta como um ensaio de Montaigne” (COMPAGNON, 2012, p. 66). Vai ao encontro desse pensamento a seguinte passagem de “O direito à literatura”, de Antonio Candido: “Quer percebamos claramente ou não, o caráter de coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos; e em consequência, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo” (CANDIDO [1988], 1995, p. 245). Tudo isso, a literatura consegue não porque imponha uma determinada tese, mas porque “confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (CANDIDO, 1995, p. 243). Em vez de impor uma tese, a literatura faz com que o leitor possa “formulá-la: [...] [o escritor] propõe, deixando, portanto, seu leitor livre ao mesmo tempo em que o incita a se tornar mais ativo” (TODOROV, 2010, p. 78). O conhecimento que a literatura nos oferece não é o erudito, afirma Compagnon, porém, é “mais capaz de esclarecer os comportamentos e as motivações humanas” (COMPAGNON, 2012, p. 65).

Todo esse potencial da literatura como saber fica encoberto quando ela é vista como um “microcosmo” à parte, autossuficiente. A proposta de Todorov é a de que a literatura seja vista como “mundos” – no plural – “que se colocam em continuidade” com o nosso. Se o que nos compõe é o que os outros nos dão – “primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam” –, “a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros”. Por isso, a literatura, segundo Todorov,

nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservadas às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano (TODOROV, 2010, p. 24).

Para Antonio Candido, a literatura, assim entendida, é uma “força humanizadora”, na medida em que exprime o homem e atua na própria formação do homem (CANDIDO [1972], 2002, p. 80). Esse é um ponto importante para Todorov, que, denunciando a marginalização do sentido amplo da literatura, mostra como ela, em seu percurso de “revelação do mundo”, pode mesmo nos transformar “a partir de dentro” (TODOROV, 2010, p. 76), ensinando tanto sobre a condição humana quanto os maiores sociólogos e psicólogos: “ter como professores Shakespeare e Sófocles,

Dostoievski e Proust não é tirar proveito de um ensino excepcional?”, pergunta. Em decorrência do saber proporcionado pela literatura, aquele que a estuda poderá se tornar não apenas um especialista em análise literária, mas também conhecedor do ser humano (TODOROV, 2010, p. 92-93). Quando pensamos na pluralidade de manifestações artísticas – a pintura, o cinema, etc. –, também muitas vezes presentes na formação do homem, surge a dúvida: por mais que seja importante o papel da literatura, é ele insubstituível? Quem dá a melhor resposta, nesse sentido, é Antoine Compagnon, ao lembrar que o “instrumento penetrante” da literatura é a língua, o que permite ao leitor ser livre no que toca à experiência imaginária e à deliberação moral. É o leitor que dita o ritmo da leitura, das aprovações e das condenações que ela provoca. A literatura, conclui, não é a única, mas “é mais atenta que a imagem e mais eficaz que o documento, e isso é suficiente para garantir seu valor perene” (COMPAGNON, 2012, p. 70-71).

### **Considerações finais**

À primeira vista, um título como *A literatura em perigo* poderia sugerir o risco que as novas tecnologias digitais representam para o “objeto-livro”, mas não é dessa discussão que se ocupa Todorov, nem Compagnon, ao responder à pergunta-título “Literatura para quê?”. O perigo encontra-se justamente no apequenamento acadêmico-social por que passa a literatura, ignorada cada vez mais na sua qualidade de “lugar por excelência do aprendizado de si e do outro”. Em nenhum momento, entretanto, os dois autores deixam o tom “derrotista” dominar suas reflexões. É ainda Compagnon que afirma: “seu lugar [da literatura] na Cidade está assegurado” (COMPAGNON, 2012, p. 72). Para Antonio Candido, embora o estudo de literatura seja muitas vezes aprisionado por um método em particular, não há por que temer o fim da literatura, uma vez que ela é direito inalienável e necessidade humana (CANDIDO, 1995, p. 263; CANDIDO, 2002, p. 81).

Todorov ilustra bem essa questão quando traz o exemplo de Charlotte Delbo (1913 – 1985), uma jovem mulher numa prisão parisiense, acusada de conspiração. Sozinha, privada de sua liberdade, Delbo terá força para resistir à dominação alemã porque sabe da força da literatura, das coisas que só ela nos oferece. Com a ajuda da detenta da cela de baixo, tem acesso a livros da biblioteca e, a partir daí, e mesmo em face do extremo – quando a “luz cegante de Auschwitz [lhe] varreu toda ilusão” –, descobrirá que “as personagens dos livros podem se tornar companheiras confiáveis” (TODOROV, 2010, p. 74-75). Electra, Don Juan e Alceste seriam alguns de seus companheiros de cela e “mais verdadeiras [criaturas] que as de [...] carne e osso”, porque

“inesgotáveis”, poderá dizer Delbo (apud TODOROV, 2010, p. 75). Talvez sua história possa ainda trazer, de alguma forma, a seguinte reflexão: sem a literatura, é o próprio homem que se encontra em perigo – no perigo de não mais poder ordenar suas emoções, não conseguir sair da solidão que o aflige e, sem o exercício de alteridade proporcionado pela literatura, ver-se a si mesmo cada vez mais reduzido e empobrecido.

### Referências

- BRANDINI, Laura Taddei. Nota da tradutora. In: COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?* Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2012. (Babel). p. 7-8.
- CALVINO, Italo [1985]. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. Tradução de Ivo Barroso. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 142 p.
- CANDIDO, Antonio [1972]. A literatura e a formação do homem. In: \_\_\_\_\_. *Textos de intervenção*. Seleção, apresentação e notas de Vinicius Dantas. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002. (Coleção Espírito Crítico). p. 77-92.
- CANDIDO, Antonio [1959]. O terreno e as atitudes críticas. In: \_\_\_\_\_. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos, 1750-1880*. 10 ed. rev. pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. p. 33-34.
- CANDIDO, Antonio [1988]. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. *Vários escritos*. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 235-263.
- COMPAGNON, Antoine [2006]. *Literatura para quê?* Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2012. 73 p. (Babel). Título original: *La Littérature, pour quoi faire?*
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão monousuário 3.0. [Rio de Janeiro]: Objetiva, 2009. 1 CD-ROM.
- MEIRA, Caio. Apresentação à edição brasileira. In: TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Tradução de Caio Meira. 3. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2010. p. 7-12.
- MELVILLE, Herman [1853]. *Bartleby, o escrivão: uma história de Wall Street*. Tradução de Irene Hirsch. São Paulo: Cosac Naify, 2005. 48 p. Título original: *Bartleby, the Scrivener: A Story of Wall Street*.
- TODOROV, Tzvetan [2007]. *A literatura em perigo*. Tradução de Caio Meira. 3. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2010. 96 p. Título original: *La Littérature en péril*.
- VILA-MATAS, Enrique [2000]. *Bartleby e companhia*. Tradução de Maria Carolina de Araújo e Josely Vianna Baptista. São Paulo: Cosac Naify, 2010. 192 p. Título original: *Bartleby y compañía*.